Capítulo XV — O paganismo e a filosofia

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a filosofia.

Enquanto o paganismo clássico se formula na ordem artística pelo naturalismo e pelo sensualismo, faz-se sentir na ordem puramente intelectual por uma influência talvez mais funesta, embora menos palpável. Em parte alguma fez maiores estragos que na filosofia. Chamo filosofia a essa busca ardente da verdade sobre Deus, sobre o homem, sobre o mundo, sobre o conjunto dos seres, a sua natureza e as relações que os unem. Para explorar esse imenso domínio, a razão, compreende-se, precisa aqui mais que alhures de um ponto de partida certo, de uma bússola perfeitamente segura e de uma pedra de toque infalível que a ajude a distinguir o verdadeiro do falso. Sob o império do cristianismo, todas essas condições de êxito estavam à sua disposição.

Filha dócil da fé, a razão começava por escutar as lições de sua mãe. Depois, tomando por ponto de partida as verdades que aprendera nessa infalível escola, procurava-lhes as relações ocultas, mostrava-lhes a riqueza e a variedade, fazia delas aplicações fecundas em resultados úteis. Tinha dúvidas? Consultava a mãe, comparando as descobertas que fizera aos ensinamentos que recebera, e sempre, filha bem-nascida, fazia reverter os seus êxitos para a glória da religião. Em outros termos, e para falar a linguagem do maior filósofo que o mundo conheceu: no sistema científico criado pelo cristianismo e tão bem compreendido pela Idade Média, as ciências assemelhavam-se a uma família perfeitamente ordenada. A teologia era a mãe, todas as ciências eram as suas filhas; a mãe dava as ordens, imprimia a direção; as filhas trabalhavam, cada uma na sua esfera, para o bem comum. O fim supremo de todos os esforços era a glorificação e o serviço da sua rainha, que punha em obra, para o bem físico e moral do homem, os resultados obtidos por cada ciência e pela própria filosofia, sua filha primogênita.[1]

Da certeza do ponto de partida, da direção infalível na investigação, da convergência universal de todas as ciências para o mesmo fim vinham a isenção de todo erro grave, a lucidez nas definições, a riqueza nas visões, a fecundidade nas aplicações, o caráter de unidade e de universalidade na ciência, a profunda inteligência da verdade e as magníficas especulações que, reunindo-se nas obras de santo Agostinho, de santo Anselmo, de Alberto Magno, de Alexandre de Hales, de são Boaventura, de são Tomás, como num vasto espelho, iluminavam com os seus imortais esplendores todas as questões mais abstratas da ordem religiosa, política, civil, doméstica e até material.

Sim, esplendores imortais, porque os mil sistemas filosóficos nascidos há três séculos, longe de lhes obscurecer o brilho, só fizeram torná-lo mais vivo; imortais, porque é ainda ali que se deve ir buscar a solução de todos os problemas que atormentam o mundo.

> *Herdeira da filosofia dos Padres da Igreja, a filosofia da Idade Média, diz o Sr. Moeller, apoiando-se em crenças inabaláveis, permaneceu sempre a mesma quanto aos princípios; e adquiriu assim, por trabalhos seculares, uma grandeza e uma extensão que jamais foi igualada por nenhuma outra filosofia.*[2]

Mas as coisas mudaram completamente com a Renascença. Nessa época, mil vozes se ergueram de todos os pontos da Europa para proclamar os sistemas filosóficos da Grécia o verdadeiro tipo da filosofia, o modelo da livre discussão e o vasto campo em que a razão devia empenhar-se se quisesse chegar à descoberta da verdade. A primeira coisa a fazer, com esse fim, era persuadir a razão a procurar em si mesma o seu ponto de apoio e a deixar de tomar o ensino da Igreja por base das suas investigações filosóficas. Como se havia persuadido a razão a romper com o seu passado literário e artístico, representando-o como o tipo da ignorância e da barbárie: mil advogados sustentaram que a filosofia católica da Idade Média era a compressão do espírito humano e o tipo da servilidade.

E por quê, peço-vos? Porque tomava por ponto de partida, por bússola e pedra de toque as verdades indemonstráveis da fé. Dizei então que a geometria, a química, todas as ciências, de qualquer natureza que sejam, são a compressão da inteligência, pois todas sem exceção partem de axiomas ou princípios indemonstrados e indemonstráveis.

Pretendeis que a Igreja embaraçava a liberdade do pensamento e que os dogmas por ela impostos à razão entravavam o livre movimento dos espíritos. Para provar que esses agravos levantados contra a filosofia católica são fundados, deveríeis antes de tudo demonstrar que os dogmas da Igreja não são verdades que, como tais, formam as bases de toda verdadeira filosofia. Com efeito, se os nossos dogmas são verdades, onde está a razão de admitir que a filosofia que busca a verdade possa achar-se embaraçada por aceitar uma verdade qualquer? Ora, até aqui ninguém pôde provar que os dogmas católicos não são verdades. Ignoram-se, repelem-se; mas está acima das forças humanas demonstrar que a fé da Igreja seja um erro.

Podia-se ir mais longe e perguntar aos advogados do paganismo renascente, aos panegiristas da pretensa emancipação intelectual, se uma filosofia que aceita por ponto de partida as verdades da fé católica é mais restrita, menos livre que a que toma por única e exclusiva base a razão humana. É evidente para todo homem razoável que uma ideia, seja qual for, só pode limitar o exercício da razão enquanto ela própria é limitada. Se, pois, os dogmas católicos não fossem superiores ao entendimento humano, a censura dos apóstolos da filosofia independente teria fundamento. Mas as verdades religiosas têm um sentido tão profundo, tão inesgotável, que nenhum espírito criado é capaz de abarcá-las em toda a sua extensão e de dar delas uma explicação completa. Assim, as revelações divinas, em vez de limitar as faculdades da razão humana, apresentam-lhe sem cessar novos pontos de vista e dão sempre novo alimento ao pensamento.[3]

Essas observações tão simples, que bastavam para reduzir a nada as pretensões dos recém-chegados, ou não foram feitas, ou não foram ouvidas. De todas as partes correu-se à escola dos filósofos pagãos. Para entrar nela, era preciso subscrever esta máxima de Epicuro, de que a verdadeira filosofia só podia nascer entre os gregos, porque em todo o resto reinava a tradição, e subscreveu-se. A tradição católica, o ensino da Igreja foram rejeitados como entraves, e a suficiência da razão solenemente proclamada.

Esse princípio preparava a consequência final que se tirou em nossos dias.

> *Concluamos. O cristianismo perdeu o seu antigo império sobre as almas; a fé se retirou dele. Abandonado pelo espírito público, convencido de inferioridade pela razão moderna, hostil ao princípio das nossas instituições e das nossas leis, já não pode, não deve presidir à educação nacional. Não o pode mais, pois as suas lições já não são ouvidas; não o deve, pois o fim da primeira educação é formar cidadãos, exercitados desde a infância na inteligência, no amor e na prática das leis do país.*

> *O cristianismo já não existe. Precisamos de uma religião; quem a fará? A minha resposta é previsível: é a razão que venceu o cristianismo superando-o; cabe-lhe substituir o que destruiu.*[4]

Logo os dois grandes sistemas filosóficos da antiguidade, o de Platão e o de Aristóteles, isto é, o idealismo e o empirismo, reuniram sob as suas bandeiras opostas todos os professores de filosofia e os seus alunos. Sob a bandeira de Platão pôs-se a Itália, dirigida pelos Médicis de Florença, Marsílio Ficino, André Porta e outros personagens distintos. Aristóteles reuniu em torno do seu estandarte primeiro a Inglaterra, depois a Alemanha e a França. Começadas no renascimento do paganismo, essas duas linhas filosóficas, paralelas e opostas, prolongam-se até os nossos dias.

Coisa notável! As pretensões soberbas e a impotência absoluta, as tentativas eternas, as flutuações, as contradições, os erros monstruosos, as aplicações formidáveis dessa filosofia pagã, na Europa moderna, são exatamente as mesmas que no seio da antiga Grécia. Hoje como outrora, pode escrever na porta das suas escolas: Eis aqui a oficina de todos os absurdos.[5] Embriagada de si mesma, cai de um extremo ao extremo oposto, sem jamais poder manter esse justo meio em que se acha a verdade. Do materialismo vai ao idealismo, do panteísmo ao ceticismo, para desembocar hoje, como outrora, no abismo sem fundo do racionalismo universal e na ruína da sociedade.

Com Tales de Mileto, o seu primeiro órgão na antiguidade e fundador da escola jônica, proclama a água e o úmido, isto é, a matéria, princípio de todas as coisas. A escola itálica e Pitágoras, seu fundador, desmentem-na e procuram fazer dominar o espiritualismo. Cinquenta anos depois aparece a escola eleata, cujos principais órgãos, Xenófanes de Colofão, Parmênides e Melisso,

professam o panteísmo idealista e em vários pontos chegam até o ceticismo. Com a escola atomística fundada por Leucipo, o materialismo volta ao trono. Da contradição dos sistemas e dos estragos cada vez maiores da dúvida, que são a sua consequência inevitável, nasce a escola sofística. Ora campeões do pró, ora do contra, os seus discípulos fazem um jogo e uma indústria de sustentar e combater as proposições mais contraditórias. Mais alguns anos, e a sociedade grega, já tão caduca, soçobrará sob os seus golpes.

Sócrates chega e empreende opor um dique à torrente da dúvida. Toma por objeto a filosofia moral; forma alguns discípulos, dos quais o mais célebre é Platão. Pai da escola acadêmica, Platão desdobra todos os recursos do seu gênio para devolver o cetro ao espiritualismo. Aristóteles, seu discípulo, arranca-lho e faz reinar o empirismo, que, legado aos peripatéticos, não tarda a aproximar-se do materialismo. Epicuro o faz entrar nele a toda vela. Discípulo dos sucessores de Aristóteles, tira a última consequência prática da filosofia do mestre de Estagira. O seu sistema é a imoralidade: o prazer é o soberano bem do homem. Fundador da escola estoica, Zenão vem opor-se ao epicurismo. O corpo é tudo, dizia Epicuro; o corpo não é nada, respondia Zenão; o prazer é o único bem, prosseguia Epicuro; a dor, mesmo a mais viva, não é um mal, replicava Zenão.

Depois de quedas mais ou menos numerosas, depois de resistências mais ou menos impotentes, chega, pelo fim do século II, Sexto Empírico. Relator impiedoso de todas as querelas e de todos os absurdos filosóficos, tira a conclusão final desses debates de mil anos. A primeira palavra que lhe cai da pena é contradição; a última, ceticismo. Tal é o termo vergonhoso a que chega a filosofia pagã. Durante o longo período da sua existência, que progresso realizou? Que verdade descobriu? Que virtude fez praticar? Que sociedade tornou melhor e mais durável? Um homem acima de suspeita vai responder:

> *A história da filosofia, diz o Sr. Ancillon, não apresenta senão um verdadeiro caos. As noções, os princípios, os sistemas sucedem-se nela, combatem-se e apagam-se uns aos outros, sem que se saiba o ponto de partida e o fim de todos esses movimentos, e o verdadeiro objeto dessas construções tão ousadas quanto pouco sólidas.*

Se foi impotente para o bem, quem dirá o seu poder para o mal?

> *Os grandes erros do espírito eram quase desconhecidos no mundo antes da filosofia grega. Foi ela que os fez nascer, ou que, ao menos, os desenvolveu, enfraquecendo o respeito pelas tradições e substituindo o princípio de fé pelo princípio do exame particular.*[6]

Os sofistas prepararam o caminho aos bárbaros.

Notas

[1] *Theologia imperat omnibus aliis scientiis tanquam principalis, et utitur in obsequium sui omnibus aliis scientiis, quasi usualis... ita ut, cum finis totius philosophiæ sit intra finem theologiæ, et ordinatus ad ipsum, theologia debeat omnibus aliis scientiis imperare, et uti iis quæ in eis tractantur.* [A teologia manda em todas as outras ciências como principal, e serve-se de todas as outras em seu serviço, como de instrumentos... de modo que, sendo o fim de toda a filosofia ordenado ao fim da teologia, a teologia deve mandar em todas as outras ciências e usar do que nelas se trata.] S. Tomás, *in lib. I Sentent. prolog. — Non accipit sua principia ab aliis scientiis, sed immediate a Deo per revelationem. Et ideo non accipit ab aliis scientiis tanquam a superioribus, sed utitur eis tanquam inferioribus, et ancillis.* [Não recebe os seus princípios das outras ciências, mas imediatamente de Deus pela revelação. E por isso não as recebe das outras ciências como de superiores, mas serve-se delas como de inferiores e servas.] *Id.*, *S. Theol.*, p. I, q. 1, art. 5.

[2] Moeller, *État de la phil. moderne en Allemagne* [Estado da filosofia moderna na Alemanha], p. 4.

[3] Ver Moeller, *ib.*, p. 4.

[4] *Liberté de penser* [Liberdade de pensar], janeiro de 1851.

[5] *Nihil tam absurdi quod non dicatur ab aliquo philosopho.* [Nada há tão absurdo que algum filósofo não o diga.] Cícero.

[6] *Essai sur l'indiff.* [Ensaio sobre a indiferença], t. III, p. 58.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:32 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:32 by Admin